

AVALIAÇÃO DE CULTIVARES DE MANDIOCA NA ZONA AGRESTE DE SERGIPE

Vanice Dias de Oliveira¹; Hélio Wilson Lemos de Carvalho²; Wânia Maria Gonçalves Fukuda³; Ivênio Rubens de Oliveira²; e Sandra Santos Ribeiro⁴

¹Bolsista DTI-G/CNPq/Embrapa Tabuleiros Costeiros. E-mail: vanice_dias@yahoo.com.br. ²Pesquisadores da Embrapa Tabuleiros Costeiros. E-mail: helio@cpatc.embrapa.br, ivenio@cpatc.embrapa.br. ³Pesquisadora da Embrapa Mandioca e Fruticultura Tropical. E-mail: wfukuda@cnpmf.embrapa.br. ⁴Estagiária Embrapa Tabuleiros Costeiros/UFS. E-mail: sandrinha_sr@yahoo.com.br.

PALAVRAS CHAVE: *Manihot esculenta* Crantz, variedades e híbridos.

INTRODUÇÃO

A Zona Agreste, principal faixa de transição entre a Zona da Mata Úmida e o Sertão, sobressai como importante área produtora de alimentos do Nordeste brasileiro. Isso se deve às suas características de solo e clima, propícias à produção de grãos e raízes em sequeiro. Nessa região a mandioca, apesar de ser cultivada em propriedades que com menos de 10 ha, o que caracteriza uma atividade de subsistência que absorve basicamente mão-de-obra familiar, garante emprego para milhares de produtores.

Sabe-se que a melhoria da produtividade de uma lavoura depende, entre outros fatores, da utilização de materiais de melhor adaptação e portadores de atributos agrônômicos desejáveis. Portanto, uma variedade melhorada pode ser considerada um dos principais componentes tecnológicos do sistema produtivo por contribuir com incrementos de produtividade sem implicar custos adicionais, o que facilita sua adoção, especialmente por parte dos produtores de baixa renda.

O objetivo deste trabalho foi verificar o comportamento de cultivares de mandioca na Zona Agreste do Estado de Sergipe.

MATERIAL E MÉTODOS

O ensaio foi realizado no município de Carira, localizado na Zona Agreste do Estado de Sergipe no período de maio de 2006 a julho de 2007. Foram avaliadas 17 ou cultivares (11 variedades e 6 híbridos), provenientes do programa de melhoramento da Embrapa Mandioca e Fruticultura, utilizando-se o delineamento experimental em blocos ao acaso e três repetições. As parcelas constaram de quatro fileiras de 6,0 m de comprimento, espaçadas de 1,0 m e com 0,6 entre covas, dentro das fileiras, correspondendo a uma população de 16.600 plantas/ha. Utilizaram-se manivas com tamanho médio de 20 cm e plantadas horizontalmente em sulcos de 10 cm de profundidade. Mediram-se os dados referentes aos pesos de raízes tuberosas e da

parte aérea, índice de colheita, teores de matéria seca de raiz e de amido, os quais foram submetidos à análise de variância, de acordo com o delineamento em blocos ao acaso, utilizando-se o aplicativo computacional Genes (Cruz, 2001).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados das análises de variância revelaram diferenças significativas ($p < 0,01$) para todos os caracteres avaliados (Tabela 1). No que se refere à produção de parte aérea, as variedades Jalé, Mucuri, Mulatinha, Cambadinha e o híbrido 9624/09 destacaram-se dos demais materiais, com produtividades médias entre 55,5 t/ha a 62,1 t/ha, constituindo-se em excelentes alternativas para uso na alimentação animal no semi-árido nordestino. As diferenças existentes quanto à produção da parte aérea parecem estar condicionadas à constituição genética inerente a cada cultivar, além de sofrerem influências de fatores ambientais, conforme ressaltaram Lorenzi *et al.* (1988).

Tabela 1. Médias e resumos das análises de variância para os caracteres pesos de raiz e da parte aérea (t/ha), índice de colheita (%) e teores de matéria seca de raiz e amido (%), obtidas no ensaio de competição de cultivares. Carira/SE, 2006/2007.

Cultivares	Peso de Raiz	Peso da parte aérea	Índice de colheita	Matéria seca de raiz	Amido
98150/06	42,0 a	43,6 b	49 b	35,4 a	30,9 a
8740/10	38,0 a	28,0 c	56 a	34,7 a	30,0 a
Jalé	37,7 a	60,0 a	39 d	35,8 a	31,3 a
Mucuri	36,3 a	62,1 a	37 d	32,4 b	27,8 b
Cigana	35,0 a	47,2 b	44 c	33,8 b	29,1 b
Kiriris	33,3 a	33,6 c	50 b	32,9 b	28,3 b
Mestiça	32,3 a	40,9 b	44 c	34,3 b	30,0 a
Lagoão	28,7 b	48,3 b	37 d	34,6 a	30,3 a
9624/09	27,7 b	55,3 a	29 e	35,5 a	30,9 a
Amansa Burro	25,3 b	40,1 b	38 d	35,5 a	30,9 a
Aramaris	25,0 b	47,5 b	34 d	33,4 b	28,8 b
Mulatinha	23,7 b	55,5 a	30 e	36,6 a	31,9 a
Crioula	23,3 b	31,3 c	41 d	36,3 a	31,8 a
Cambadinha	22,7 b	56,0 a	28 e	35,6 a	30,8 a
98148/09	22,3 b	37,0 b	37 d	34,0 b	29,3 b
98145/03	22,3 b	41,1 b	36 d	32,3 b	27,6 b
98137/03	20,3 b	38,6 b	35 d	32,4 b	27,8 b
Média	29,2	44,9	39	34,5	29,8
C.V. (%)	12	9	7	3	3
F (Cultivares)	12,2**	17,1**	23,7**	5,4**	5,5**

** Significativo a 1% de probabilidade pelo teste F. As médias seguidas pelas mesmas letras minúsculas nas colunas e maiúsculas na linha não diferem entre si pelo teste de Scott-Knott, a 5% de probabilidade.

Para a característica índice de colheita, o híbrido 8740/10 mostrou o maior valor (56%), apesar de estar abaixo do índice ideal, que é, segundo Conceição (1987), de 60%. Ressalta-se que esse material associou essa característica à alta produtividade de raízes (38,0 t/ha) e o alto teor de amido (30%), o que justifica sua exploração no semi-árido sergipano. Os teores médios de matéria seca de raiz e de amido foram de 34,5% e 29,8%, respectivamente, considerados elevados quando comparados com relatos de trabalhos similares de melhoramento (Santos et al. 2007 a e b). Para Vidigal Filho et al. (2000) é desejável que cultivares que apresentem alta adaptação, sejam responsáveis também pelos maiores teores de amido contribuindo, assim, para maximizar o rendimento do produto final por área cultivada.

No tocante à produção de raízes tuberosas, o rendimento médio obtido foi de 29,2 t/ha, com variação de 20,3 t/ha a 42,0 t/ha, evidenciando o alto potencial para produtividade do conjunto avaliado. Sobressaíram com melhor adaptação os híbridos 98150/06 e 8740/10 e as variedades Jalé, Mucuri, Cigana, Kiriris e Mestiça, com produtividades médias entre 32,3 t/ha e 42,0 t/ha, constituindo-se em opções interessantes para cultivo no semi-árido sergipano.

CONCLUSÃO

Os híbridos 98150/06 e 8740/10 e as variedades Jalé, Mucuri, Cigana, Kiriris e Mestiça consubstanciam-se em alternativas importantes para exploração no semi-árido sergipano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CONCEIÇÃO, Antonio José da. **A mandioca**. Cruz das Almas. Livraria Nobel S/A , 3º ed., 1987, p. 27-361.

CRUZ, C. D. **Programa Genes: Versão Windows; aplicativo computacional em genética e estatística**. Viçosa: Universidade Federal de Viçosa, 2001.

LORENZI, J. O.; PEREIRA, A. S.; MONTEIRO, D. A; RAMOS, M. T. B. Características agronômicas e culinárias de clones de mandioca. **Bragantia**, v. 47, p. 247-253, 1988.

SANTOS, V. da S.; FUKUDA, W. M. G.; CARVALHO, H. W. L. de.; RIBEIRO, F. E.; OLIVEIRA, I. R. de.; OLIVEIRA, V. D. de. Avaliação de Cultivares de Mandioca Brava em Diferentes Épocas de Colheita na Microrregião do Agreste de Lagarto, no Estado de Sergipe.

In: CONGRESSO BRASILEIRO DE MELHORAMENTO DE PLANTAS, 4, 2007. **Cd-Rom**. Lavras, UFLA: 2007 a.

SANTOS, V. da S.; FUKUDA, W. M. G.; CARVALHO, H. W. L. de.; RIBEIRO, F. E.; OLIVEIRA, I. R. de.; OLIVEIRA, V. D. de; RIBEIRO, S. S. Desempenho Produtivo de Cultivares de Mandioca na Microrregião de Boquim no Estado de Sergipe. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE MELHORAMENTO DE PLANTAS, 4, 2007. **Cd-Rom**. Lavras, UFLA: 2007 b.

VIDIGAL FILHO, P. S.; PEQUENO, M. G.; SCAPIM, C. A.; VIDIGAL, M. C. G.; MAIA, R. R.; SGRIOLO, E.; SIMON, G. A.; LIMA, R. S. Avaliação de Cultivares de Mandioca na Região Noroestes do Paraná. **Bragantia**, v.59, n.1, p. 69-75, 2000.